



A AVENIDA CAIO PRADO

No dia 9 de julho de 1888 era inaugurada a Avenida Caio Prado, em homenagem ao então Presidente do Província do Ceará, nomeado por Carta Imperial de 31 de março daquele mesmo ano.

Pelo paquete Pernambuco e proveniente das Alagoas, aportava Caio Prado e família a Fortaleza, tomando posse dos destinos desta província às treze horas do sábado de 21 de abril daquele ano com as honras militares do 11º Batalhão de Infantaria.

Antônio Caio da Silva Prado, de tradicional família paulistana, homem superior, amante do belo, estadista e intelectual, infelizmente pouco mais de um ano permaneceria à frente dos destinos do nosso Ceará.

Protetor das artes e das letras, preferindo um bom papo com os literatos a uma fastidiosa conversa com os políticos, sua figura querida chegou até a ser lembrada através da marca de cigarros Caio Prado, anunciados no Cearense como de excelente fumo de Rio Novo e com venda exclusiva na Praça do Ferreira, nº 27.

Já em 3 de junho de 1889 embarcavam com destino a São Paulo, pelo Manaus, a viúva Maria Sofia, suas filhinhas Abiah e Sofia e a professora destas Mademoiselle L. Pleiter, acompanhadas pelo jornalista João Lopes.

Pois bem. Era a Avenida Caio Prado o ponto principal de concentração do fortalezense. Em a Normalista, Adolfo Caminha a descreveu como *“um terraço oriental onde passeassem princesas e odaliscas sob um céu de prata polido, com as suas filas de combustores azuis, encarnados e verdes, com as suas efígies . . .”* Defronte da Avenida o mar, os navios, o farol.

Antônio Sales também se deixou seduzir pelos encantos daquele mais importante trecho de nossa provinciana cidade. Em Versos Diversos, no poema Na Avenida, ele assim nos fala do mar distante e dos combustores:

*“Ao longe estende-se o mar,
e cai sobre o luar
como o albente cortinado
de um noivado . . .”*

*Da fila dos combustores
as câmpanulas de cores
são iriadas açucenas
de luz plenas".¹*

No soneto *Altiva*, em seu primeiro terceto, nova evocação à Caio Prado:

*"Vejo-a às vezes em negligé, de branco,
tristemente a cismar sentada a um banco
das aléias mais tristes do Passeio".²*

Nas *Trovas do Norte*, ao descrever em *Carta Aberta* a tristeza que dele se apossou com a partida de sua amada, rimava:

*"Tudo parece feio,
tudo parece ruim,
— as casas, o Passeio,
a gente e o céu, enfim".³*

E o poeta, ao se deparar com *Uma Desconhecida*, "*simplesmente uma mulher bonita, cheia de graça e de volúpia cheia*", dizia:

*"Via-a esta noite pela vez primeira
na Avenida, a sorrir, branco vestida,
na mão a ventarola feiticeira,
na trança um floco trêmulo de fita".⁴*

Nem mesmo na peça teatral dele com Alfredo Peixoto, *A Política* é a mesma, estreada no Teatro São Luís a 14 de julho de 1891, faltaria a tradicional Avenida e ei-la no segundo ato com os quadros *Os Conquistadores*, *Os Poetas*, *Peri*, *Hipnotizador* e *O Surdo*.

Até o Programa de Instalação da Padaria Espiritual, em seu artigo trinta, considerava a Avenida Caio Prado a mais útil e a mais civilizadora das instituições e, por isso, ficava sob o patrocínio da Padaria. Nos quarenta e oito artigos que regiam os destinos da gloriosa sociedade, notava-se a inteligente e sarcástica intromissão do nosso Antônio Sales. Ele mesmo, acobertado em Anthony, na seção *Curvas e Retas do Libertador* de 14 de setembro de 1891, descrevia um domingo nessa Avenida, o vaivém do mundo elegante, os namoricos, o coreto, a cadetada da Escola Militar.

*"À noite fui ali para a Avenida,
onde há lampeões de cor (e também brancos),
cerveja, companhia divertida,
ar puro, bom café, música e bancos.*

*E tu, leitora de olhos cor de ônix
e também de safira,
ó dona dos cabelos de azeviche
ou louros como as cordas desta lira,
lanças em torno o teu olhar garrido,
— olhar capaz de um prego derreter —
somente para ver
se estão olhando . . . para o teu vestido.*

*Ondas de gente vão e vêm; as plumas
dos chapéus e capotas
lembram asas travessas de gaivotas
a roçar levemente nas espumas*

*À luz doce do gás
vão florescendo tímidos idílios;
um, dois, três corações e às vezes mais
pendem juntos dos mesmos negros cílios.*

*Há risos que fascinam
à sombra dos chapéus de aba comprida;
e crianças patinam
perdidamente ao longo da Avenida.*

*Das hostes masculinas
emerge o vulto audaz de uma cartola,
e aqui e ali cintilam as platinas
dos alunos da Escola.*

*A rir e a falar ruidosamente
vão meninas num grupo pitoresco;
num banco, ao lado falam ternamente
uns casados de fresco.*

*Além brilham as luzes dos navios
na tela do mar preto;
há no arvoredos trêmulos cílios;
a música estrondeia no coreto.*

*Eu, de charuto em riste,
uma ruga na testa,
sentia-me tão triste
como um mendigo ante um palácio em festa”.*

NÓTULAS

- 1 Na Avenida, poemeto; Versos Diversos (Obra Poética, página 46).
- 2 Altiva, soneto; Versos Diversos (Obra Poética, página 88).
- 3 Carta Aberta, poemeto; Trovas do Norte (Obra Poética, página 158).
- 4 Uma Desconhecida, poemeto; Poesias (Obra Poética, página 197); O Pão nº 21 de 1º ago 1895.